Ao construir um pensamento ou escrever uma teoria, necessariamente temos definições, objetos dos símbolos que utilizamos. Porém, desenvolver uma teoria sem antes definir formalmente os conceitos que são seus objetos oferece um risco maior de contradição, de fazer com que a teoria falhe não por ter ideias erradas, mas pelo choque de ideais distintas e igualmente válidas em uma mesma palavra.

Um fato muito curioso surge aqui. A mesma ideia se aplica ao próprio conceito de definição. Uma teoria precisa começar com definições não contraditórias, mas então é preciso saber o que é uma definição. A impressão imediata aqui pode ser a de desalento diante de mais um caso de recursão infinita. O que ocorre nesse caso em particular, porém, é que conseguiremos uma definição de definição que não somente define bem todas as outras coisas mas também a si mesma, infinitamente. Parece não ocorrer uma circularidade, mas sim uma regressão infinita ainda perfeitamente compreensível.

O princípio de que uma definição não pode ser contraditória advém quase diretamente de sua definição como algo prático, cuja razão de existir é ser útil. Ocorre que uma definição contraditória nunca tem encontrado utilidade na descrição do universo. Podemos dizer, para ser bem mais rigorosos, que o princípio de que uma definição não pode ser contraditória advém da definição de definição como algo útil para a descrição do universo e do princípio de que o universo não é contraditório.

Definição é uma representação que a mente faz deliberadamente como uma ferramenta do pensamento, uma associação física entre a memória da percepção de algo e um símbolo. É fundamental perceber o sentido desse movimento, que a definição não é a criação ou invenção de uma entidade e de atributos para ela, mas sim da criação de uma relação entre algo já existente e definido no universo e uma outra porção desse mesmo universo que pode guardar e comunicar a percepção desse algo.

A recursividade dessa definição de definição é aparentemente estranha (talvez como são todas as coisas na sua aparência), mas faz sentido da mesma forma que uma gramática, escrita em geral na própria língua que tenciona descrever, faz sentido. De fato, existe uma definição para definição, um conjunto com todas as definições inclui uma definição do próprio conjunto. A definição de definição engloba, na verdade, todas as palavras na sua própria definição, cada uma sendo então uma representação de algo cuja existência se percebe. Quando a definição de definição é aplicada a um símbolo se chega ao sentido do símbolo, onde não ocorre circularidade ou contradição, somos lançados realmente ao significado ou a necessidade de um significado que podemos fisicamente encontrar e construir em nossa memória.

Um dicionário não é realmente circular, uma vez que o objetivo dele não é definir o significado das palavras, mas sim relacionar as palavras cujos significados já estão gravados na memória. As palavras do dicionário significam relações entre os significados de palavras já conhecidas. Todo dicionário tem esse pressuposto, de que o leitor tem posse de certas definições. Assim, ele relaciona essas definições através de outras palavras. Ou seja, as palavras do dicionário são definições de palavras por palavras, e não definições de coisas por palavras.

Em geral, em nosso mundo, uma definição é uma relação física causal entre duas coisas, uma coisa que se transforma em símbolo no contexto de uma linguagem no sentido de ser o precursor exclusivo de algo em certo escopo.

Os objetos das definições intercambiam entre diferentes símbolos ao longo do tempo, ou por falhas na comunicação ou pela evolução da percepção. A definição de matemática e física já mudaram muito com o tempo.

Esse aspecto dinâmico das definições implica que é preciso, ao desenvolver ou estudar qualquer teoria, lidar com o fato de que cada palavra ou símbolo pode e geralmente tem um sentido particular naquele contexto. Quando compara-se teorias é essencial antes comparar as definições e resolver os conflitos entre representações. Não se pode dizer que se sabe simplesmente o que seja o significado de uma palavra, esse conhecimento envolve saber os significados em cada instante da história e contexto. A palavra ciência, por exemplo, já teve e continua tendo simultaneamente muitos significados, às vezes muito distintos.

Existe um problema nessa natureza mutante das palavras, o desse eventual e em geral muito comum conflito entre as palavras. Mas isso vem por conta da limitação da memória humana – não é conveniente que se mude as palavras cada vez que o conceito ao qual estava associado muda ou dá origem a uma variação – dessa forma, teríamos miríades de variações da palavra ciência e tantas outras associadas a ideias muito comuns. É melhor que grupos grandes de ideias compartilhem mesmas palavras. Mas em tal sistema é fundamental sempre ter em mente o que está realmente ocorrendo.

É também interessante que esse sistema de compartilhamento de palavras acaba guardando a história da evolução de grupos de pensamentos. Ciência, por exemplo, serve como chave para encontrar na história os pensamentos relacionados a busca pela compreensão do mundo. Em geral existe, como no caso da ciência, uma ideia mais fundamental que serve para definir tal grupo de ideias ao longo de eras, porém isso é algo puramente prático e desnecessário. Toda palavra é livre para transitar entre as ideias, nós é que precisamos acompanhá-las e averiguar onde estão a cada momento. Pois são ideias o que se quer discutir, e não palavras.

É importante entender o que é uma definição para evitar discussões sem sentido sobre o que, por exemplo, significa ciência de maneira simples. Pode-se discutir o que é ciência apenas em dois sentidos, ou a história da palavra, que envolve todos os sentidos que já teve, para cada um e para cada época, ou então referindo-se a uma ideia em particular de uma época e pessoa, lugar ou grupo.

Embaixo de tudo isso, existe uma falha, que reside nas limitações da comunicação. No fim das contas, uma discussão sobre as ideias de uma palavras só podem ocorre idealmente em um indivíduo só, que sabe, a cada instante, o que quer dizer para ele mesmo cada palavra e cada expressão – tudo deve correr bem se ele pode evitar contradizer a si mesmo.

A ciência como empreendimento coletivo é realmente algo poético, e definitivamente trágico. O conhecimento, como Diógenes parece ter sugerido, só pode acontecer de forma individual, é fundamentalmente subjetivo. A natureza do indivíduo e da comunicação impõe essa barreira intransponível a um conhecimento objetivo por um meio subjetivo, um conhecimento independente do sujeito mas baseado na opinião do mesmo sujeito sobre o método de obtenção.